

## Os Encontros Latinoamericanos de La Paz: lindas memórias!

Raul Ellwanger

Pelos atalhos do destino, tive o privilégio de ser conduzido a uma boa e saudável intimidade com três países da América: Uruguai, Chile e Argentina. Sendo natural de uma província que tem sua menor fronteira com seu próprio Brasil, isto poderia ser algo natural, facilitado pelos idiomas, hábitos culturais e econômicos parecidos. Mas assim não foi nem é, infelizmente. Não foi por um caminho espontâneo, mas pela curva fora dele, que me aproximei de outras gentes, artes e eventos.

Uruguai é um caso especial. Havia conhecido Montevidéu nos anos 1960 e 1970, com certa curiosidade política, ora visitando a Paulo Schilling na redação da revista onde trabalhava, ora mantendo discrição por medo aos espões brasileiros que vojavam nas asas da Operação Condor, ora contrabandeando no fundo da maleta cassetes de Daniel Viglietti e Los Olimareños. No Rio Grande do Sul e no Brasil em geral, havia uma grande simpatia natural e efusiva em relação ao Uruguai. Estas visitas confirmavam este sentimento, mas a situação de opressão política não ajudava. Passados os períodos mais brutais dos regimes “de segurança nacional”, pude entrar de coração mais aberto e mente confiante na alma dos chamados *orientales*. E tudo isso através dos sons e poesias da música popular. Começava-se a *desalamburar*.

No final de 1979, fui convidado a cantar num grande espetáculo coletivo do Canto Popular Uruguaio, organizado por Jorge Lazaroff, a realizar-se em pleno Estádio Centenário nos últimos dias de dezembro. Fui alojado no Bairro do Cerro, numa “república” do grupo Cantaliso e seu solista Capincho, esquina das ruas e Cuba e Estados Unidos (é verdade!). Estive no programa de Atilio “Macunaima” Perez, na Rádio Centenário. Na tarde do evento, fui ao Estádio para passar o som, naquele legendário Centenário de que meu pai me falava, para onde com seus amigos de juventude viajava pela areia da praia e por *carreteras* de pó, para assistir heroicos desafios “*coberos*” entre nossos países.

Se a emoção já era grande, maior ficou quando os técnicos de sonorização, fazendo seus testes, colocaram para soar a canção “Fronteiras”, gravada por mim num pioneiro disco coletivo do grupo de Porto Alegre. Fiquei paralisado: o sol se pondo sobre a marquise, o glorioso estadio vazio, o tapete verde da grama, a canção soando, sua letra dizendo “...mundo velho sem fronteiras”. Mas, a grandes vôos, grandes quedas: o xou foi proibido a último momento, os artistas estavam calados e tristes, as pessoas entravam de volta nos humildes microonibus em que tinham viajado desde todo o país. Mesmo assim, a tentativa deu frutos. Na noite seguinte, às ocultas, armou-se uma apresentação no

pequenino Teatro Tablas, onde tocava Rubén Olivera, e pude cantar para um grupo de amigos e amigas. E no fim de ano imediato, Yabor estava cantando em nosso xou coletivo Porto Alegre denominado Explode 80, acompanhado do diretor teatral Luis Vidal, enquanto Atilio Pérez da Cunha “Macunaima” escrevia as matérias jornalísticas.

Passados alguns anos, fui convidado para cantar no Festival de La Paz, cidade do Departamento de Canelones. Lá pude apresentar minhas canções autorais, pude escutar dezenas de cantautores locais e de outros países, pude conhecer a muitos amigos e amigas, pude tentar contribuir para um melhor conhecimento entre nossas gentes e nossas culturas. Vale ressaltar que para mim tudo era novidade, pois em meu próprio país os festivais solidários ainda eram hostilizados pela polícia política. Poder então compartilhar durante uma semana num ambiente cálido e fraterno, conhecendo e descobrindo pessoas de muitas regiões, escutando música linda, profunda, testemunhal e contestatária, era para mim um mundo novo que descobria e amava. Pude também perceber como um grupo dedicado e solidário podia realizar uma tarefa bonita, digna e difícil, como conseguia fazer o valente grupo cultural de La Paz, contando muitas vezes com mínimos recursos.

Os Encontros Latino-americanos da Canção Popular (1985 e 1987) eram parte do Festival, que teve mais edições. No segundo em que estive, a pedido da direção levei colegas músicos do Rio Grande do Sul, como o flautista Pedrinho Figueiredo, o violonista Xyco Mestre e o percussionista Giba-Giba. Acredito que todos se enriqueceram com a música e o convívio, recebendo assim a recompensa por sua doação artística através das apresentações solidárias, não remuneradas. Para mim, pessoalmente, deixou frutos perenes, como as parcerias com Macunaima, Eduardo Darnauchans e Washington Benavidez, com quem levo já 5 canções gravadas, e a gravação de meu disco “Portuñol” no Estudios La Batuta. Numa de suas faixas, participam músicos de 5 países, graças ao Encontro que os reuniu.

Pelas tardes “canelônicas”, me divertía conversando com Claudio Rubbo, fanático pelo futebol que foi me apresentando sua coleção de publicações (especialmente El Gráfico) sobre o esporte, seus livros onde se destacava um de Obdúlio Varela, contando os episódios épicos de 1950 no Rio de Janeiro. Com sua memória fecunda e generosa, Claudio me ajudou a entender a ótica de tantos uruguaios cujo orgulho futeboleiro em certos momentos ultrapassa todas as medidas. No meio da tarde, íamos para a praça buscar um bom abastecimento de *choripan* e *grapa-miel*, cujas propriedades nos mantinham reconfortados até a madrugada e o final das apresentações do Festival.

Viver, observar e aprender com os Encontros de La Paz, me serviu para formatar e realizar, junto a muitos colegas, a Latinomúsica de 1988, na cidade de Pelotas, onde estiveram Larbanois-Carrero acompanhados de Ako Rubbo, festival que teve como xou

de fechamento a presença de Chico Buarque, com quem tocava Hugo Fattoruso, e a presença de artistas de 8 países. Creio que nessa metade da década de 1980, acompanhando a volta da democracia e da liberdade no Cone Sul, se expandiu uma grande energia do campo artístico em nossos países, que no terreno da música popular teve expressão além das fronteiras, seguindo a trilha do “país musical” de que falava Lauro Ayestarán. Comentando somente a partir de minha presença pessoal, posso recordar as Oficinas Latino-americanas do Rio de Janeiro, o gigantesco xou coletivo “*Por una democracia de avanzada*” realizado pela sindical uruguaia Pit-CNT no Estádio do Atlanta (Buenos Aires), os Encontros de La Paz (Uruguai), as duas edições da Latinomúsica no Rio Grande do Sul, o festival Alternativa Musical Argentina de Paraná, o coletivo Paz Para Nicarágua de Porto Alegre, o Festival pela Paz da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, o xou coletivo do Velódromo de Montevideú, o Festival da Redemocratização em Assunção do Paraguai, o Festival de Varadero em Cuba, além de outros de menor expressão.

Além de homenagear o pessoal que produzia os Encontros (Lorelei, onde está?), peço licença para personalizar em algumas figuras meu carinho e gratidão por estas jornadas que aqui se recordam. Por um lado, o mais simbólico dos cantautores líricos, errantes e protetstatários, Alfredo Zitarossa, com quem travei amizade em seu exílio bonairense. Ali gravei com ele uma extensa entrevista publicada no semanário Versus de São Paulo (cujo áudio foi doado ao Museu da Memória de Montevideú). Por outro lado, a amizade do jornalista chuyense Carlos Castillos, que apoiou sempre minhas atividades montevidéanas; também a generosidade artística dos músicos que deram vida ao disco *Portuñol*, como Andrés Bedó, Chichito Cabral, Yamandú Perez, Jorge Galemire, Hugo Jasa, Daniel Rodrigues, Paco Grillo e Numa Moraes (convidado especial). E, para culminar, cito o poeta e jornalista Atilio Pérez da Cunha “Macunaima”, cuja paixão ancestral pela música brasileira em geral, seguiu um curso incomum e fecundo justamente a partir destes convívios e eventos, convertendo-o hoje num dos maiores especialistas e conhecedores da música do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre.

Obrigado, La Paz! Obrigado, Ako Rubbo!